

Professor Basilio Losada: ensinar a pensar con liberdade e risco.- (Homenatges ; 18)

Notes. Bibliografia
ISBN: 84-475-2486-8

I. Col·lecció: Homenatges (Universitat de Barcelona) ; 18
1. Losada, Basilio 2. Filologia 3. Literatura 4. Homenatges

© PUBLICACIONS DE LA UNIVERSITAT DE BARCELONA, 2000

Gran Via, 585; 08007 Barcelona; Tel. 93 404 54 42; Fax 93 403 54 46; sipu-sec@org.ub.es;
<http://www.ub.es/spub/sipub.htm>

Disseny: Cesca Simón
Impressió: Gráficas Rey, S.L.
Dipòsit Legal: B-47.010-2000
ISBN: 84-475-2486-8

Tots els drets d'aquesta publicació (inclòs el disseny de la coberta)
PUBLICACIONS DE LA UNIVERSITAT DE BARCELONA

Imprès a Espanya/Printed in Spain

Patrocinadors:



Instituto Camões
Rectorat de la Universitat de Barcelona

Col·laboradors:



Editorial Galaxia
Deganat de la Facultat de Filologia
Consell Social de la Universitat de Barcelona



Centro de Estudos Brasileiros-Consulado Geral do Brasil em Barcelona
Consulado Geral de Portugal em Barcelona

Queda rigorosament prohibida la reproducció total o parcial d'aquesta obra. Cap part d'aquesta publicació, inclòs el disseny de la coberta, pot ser reproduïda, emmagatzemada, transmesa o utilitzada per cap tipus de mitjà o sistema, sense l'autorització prèvia per escrit de l'editor.

CORRESPONDÊNCIAS NO USO DE USTED (ESP.), VOSTEDE (GAL.), VOSTÈ (CAT.) E VOCÊ (PT.) SEGUNDO A NORMA PADRÃO PENINSULAR.

Paulo Pitta i Ignacio Vázquez

Universitat Autònoma de Barcelona / Universitat de Barcelona

1. Abordagem histórica: Evolução diacrónica.

Nas quatro línguas que neste artigo são objecto de estudo, as formas de tratamento assinaladas no título são recentes. Surgiram como consequência de uma deslocação do termo *vos* usado desde a Idade Média.

O Feudalismo, com a sua estratificação social em classes baseada num sistema de vassalagem, propiciou o desenvolvimento de umas formas de tratamento próprias. Uma pessoa nascida num determinado estrato não tinha acesso a outro que não fosse o seu. Assim, as diferenças sociais eram marcadas pelo trato. Nas línguas românicas peninsulares estas palavras provêm de fórmulas de tratamento oficiais que nasceram no estilo jurídico ou administrativo da Corte (daí que também se chamem formas de cortesia). Noutros casos, como o francês ou o italiano (fr. *vous*. it. *Voi* ou *Lei*), resultaram da conversão em fórmulas reverenciais de antigos significados de pluralidade ou afastamento, de não implicação no discurso [Jordan e Manoliu: 1989]. A base de todas elas é o pronome latino *vōs*.

Em espanhol, este pronome já está documentado desde o século XII. Em princípio era uma forma de plural como em latim; mais tarde, porém, começou a ser usada como um singular reverente, conjugada com o verbo e com os pronomes em 2ª pessoa do plural, por oposição a *tú* que se usava com pessoas jovens ou de baixa condição. Por esta razão, *vos* foi substituindo progressivamente o *tú*, deixando um vazio para o pronome de tratamento deferente. No final do *Siglo de Oro*, o seu uso era tão comum em castelhano que perdeu aquele valor diferenciador para o qual tinha nascido [Corominas: 1987]. A necessidade de uma nova forma de tratamento que exprimisse a ideia de respeito, quando alguém se dirigia a um superior, ou a falta de familiaridade entre

iguais, revelou-se necessária. Desta maneira, a partir da forma pré-existente *vuestra merced* (do latim, por via culta, *vōstra mercēde*) tratamento ou título de cortesia que se usava com aqueles que não tinham título ou grau pelos quais se lhes devessem outros tratamentos superiores [Real Academia Española: 1992], a língua chegou à forma actual *usted* (documentada pela primeira vez em 1620 em *El examinador de Miser Palomo* de Antonio Hurtado de Mendoza). Pela mesma altura, o *tú* recobrou os valores de familiaridade devido ao facto de *vos* começar a ser considerado demasiado vulgar. Ficou esquecido e só na América é que conserva hoje essas funções.

No caso galego, a forma tradicional *vós* ainda hoje é usada pelos falantes mais idosos: *¿Vós queredes a miña axuda, avoa?* Mas na actualidade, sob a pressão do espanhol, a forma canónica e maioritariamente utilizada é *vostede*. Como se observa, embora o galego tenha esta forma moderna adequada foneticamente à língua, a sua origem provém de um cruzamento com a castelhana: *vossa mercee* + *vuestra merced* [Ferreiro: 1995; Álvarez, Regueira e Monteagudo: 1995]. O galego actual mantém uma terceira forma de tratamento, também em retrocesso mas ainda usada: o pronome sujeito de 3ª pessoa do singular *el/ela* para se referir a uma 2ª. Acontece quando o falante acha que *vós* é excessivo e *ti* (=tu em português) demasiado familiar: *Ela ten problemas, ¿quere que falemos para se tranquilizar?* Neste sentido, o galego partilha com o português padrão de Portugal três formas de tratamento: uma de respeito ([*vós*] ~ *vostede*), outra familiar (*ti*) e um grau intermédio entre as anteriores (*el*). Mas o facto não é comparável dado o retrocesso que está a sofrer o grau intermédio na forma galega, enquanto esse mesmo grau tem muita vitalidade e provoca, como se verá, conflitos em português (*você*).

Em catalão *vostè* foi também ocupando progressivamente o lugar de *vós*. Para alguns [Hans Goebel *et al.*: 1997], esta substituição está a meio caminho entrè um processo evolutivo espontâneo e uma mudança induzida pelo castelhano. Hoje em dia, o seu uso é muito frequente como tratamento de respeito: *Vostè coneix Lisboa?* [Coromines: 1995].

No que diz respeito à língua portuguesa, *vós* como tratamento de respeito da segunda pessoa do singular entrou em declínio devido ao aparecimento de outras formas que lhe faziam concorrência, como *vossa mercê*, acabando hoje por ficar relegado a determinadas áreas dialectais. Paralelamente, e durante alguns séculos, *vossa mercê* coexiste com *vossemecê* (forma popular e rural que denota algum respeito) e com *você* (forma de tratamento familiar que nunca chegou a ocupar totalmente os campos semânticos de *tu*), ambas derivadas da erosão fonética da forma primária [Teysier: 1994].

Convém dizer que a antiga forma *vos* acrescentou em castelhano e catalão o adjectivo *otros/altres*, respectivamente, para indicar o plural que deixou de designar, quando *vos* se tornou em forma singular, dando como resultado as formas *vosotros* e *vosaltres*. Em galego e português *vós* continua a ser sujeito plural, embora em Portugal só se mantenha vivo em zonas dialectais. O padrão para este plural é *vocês*.

2. Os últimos anos: Cargas sociolinguísticas associadas à palavra (sincronia).

Nas línguas de Espanha, poder-se-ia dizer que as camadas mais jovens, hoje em dia, tendem a generalizar o uso de *tú* (esp.) / *tu* (cat.) / *ti* (gal.), sem que tal facto implique necessariamente uma falta de respeito. No entanto, também se usam as formas *usted*, *vostede* e *vostè* como formas estáveis mais específicas de um tratamento respeitoso.

Relativamente ao português, ao longo dos anos, *você* foi agregando alguns matizes sociolinguísticos e perdendo outros. Esta forma de tratamento escorregadia fez correr rios de tinta e apresenta hoje uma instabilidade que a converte num caso particular, se a compararmos com as suas homólogas castelhana, galega e catalã. Originalmente foi mal vista, dando azo a frases populares do tipo “*você* é estrebaria, sete fardos por dia” ou “*você* é estrebaria, eu como na mesa e *você* na pia”.

Do ponto de vista bibliográfico, as definições apresentam alguma constância sem no entanto abordar fenómenos pragmáticos mais recentes. O *Dicionário Prático Ilustrado* da Lello & Irmãos (ed. de 1992) diz-nos que *você* designa um tratamento “dirigido a pessoa de inferior condição, ou usado entre pessoas que se conhecem familiarmente”, opinião compartilhada pelo *Dicionário da Língua Portuguesa* da Porto Editora [8ª ed. 1998] e pelo *Grande Dicionário Cândido de Figueiredo da Língua Portuguesa* [25ª ed. 1996]. Rodrigues Lapa [1984], por seu lado, afirma que *você* é pouco respeitoso e, para Paul Teyssier [1989], esta forma de tratamento está reservada aos amigos e aos íntimos. Pilar Vázquez Cuesta [1971] efectua uma comparação com o castelhano e declara que, em geral, pode ser traduzido por um *tú* espanhol. As ideias de intimidade e de hierarquia no sentido superior/inferior estão presentes, como vimos, na maioria da bibliografia existente, onde ainda se pode encontrar algum juízo de valor negativo associado a esta forma. Celso Cunha e Lindley Cintra [1996] corroboram a questão, afirmando que *você* só é possível de ser empregue de igual para igual ou de superior para inferior, em classe social ou hierarquia.

Não obstante, nos últimos anos começam a ser apontadas variações no que diz respeito ao uso e significado desta forma de tratamento. Os próprios Cintra e Cunha [1996] mencionam já um recente alargamento no respectivo emprego e referem-se também a outra variação actual, a nosso ver, de âmbito mais reduzido: a do uso de *você* em certas camadas sociais altas, onde esta forma de tratamento indicaria carinho e intimidade.

Uma outra variação intrigante ao tema é-nos dada pelo *Dicionário Universal da Língua Portuguesa* da Texto Editora (2ª ed. 1997) que, para além de repetir a informação dos restantes, acrescenta que *você* é “muito usado entre pessoas que têm alguma familiaridade, mas não a suficiente para utilizar o pronome *tu*”.

Actualmente, com o domínio da cultura urbana em detrimento da rural, com a expansão de uma imensa classe média, assiste-se a um esbater de diferenças no tratamento entre as camadas sociais, favorecido por todos de maneira a facilitar e a não criar atritos nas relações pessoais, profissionais e sociais, mais do que nas familiares. Não significa isto que as relações de poder deixaram de existir. No entanto, se em tempos anteriores as classes dominantes marcavam bem a diferença hierárquica e social para legitimar o respectivo poder, hoje o mesmo parece estar a passar por uma aproximação, pelo menos a nível linguístico. Essa proximidade é real, já que a classe média se expandiu de maneira considerável e a aristocracia se diluiu muito, e fictícia, no sentido em que é também uma máscara para esconder relações reais de poder e amenizar assim conflitos sociais e laborais. Esta é uma das causas pela qual *você*, no português peninsular, volta a manifestar instabilidade. Se *o senhor* marca demasiado a diferença e *tu* atesta uma excessiva proximidade, mal vista por uma comunidade linguística formal como a portuguesa, há um espaço intermédio que ficou vazio.

Para ocupar esse espaço, uma das estratégias linguísticas mais comuns, por parte dos falantes, é o uso do nome próprio com o verbo na terceira pessoa do singular (*A Maria gostou do filme?*) ou a não utilização de referência ao sujeito, sem qualquer tipo de tratamento, em frases do tipo *Pode-me passar a água, por favor?* Porém, há casos em que o tratamento não deve, ou não pode, por razões sintáticas e/ou semânticas, ser elidido:

O quarto do seu filho, para além de alegre e soalheiro, deve ser confortável e seguro, um lugar onde possa brincar sem perigo e dormir tranquilamente, porque sabe que você poderá sempre ouvi-lo [Prénatal 2000].

Esta manhã, você tem um encanto especial. Dormiu bem [Prénatal 2000].

Nestes dois textos, com objectivos comerciais, a finalidade essencial é aproximar-se do destinatário, o que elimina a possibilidade de usar *a senhora*, sem no entanto chocar o destinatário com um tuteamento, que em português peninsular seria considerado abusivo, gerando uma barreira e perdendo-se, portanto, o objectivo deste texto publicitário.

Segundo o nosso ponto de vista, nos últimos anos a recepção de *você* passou a depender muito do contexto, da ênfase e do tom em que é proferido, o que nos parece sugerir que há indícios de que *pode* designar respeito, sem a distância que actualmente *o senhor* / *a senhora* denotam, e sem a intimidade de *tu*, que pode ferir susceptibilidades.

Você parece, assim, estar a sofrer uma tímida deslocação, isto é, nalguns contextos frásicos, orais ou escritos, e consoante o modo em que é enunciado, começa a perder o carácter pejorativo que tradicionalmente tinha, para passar a assumir um incómodo espaço vazio de uma formalidade não excessiva, mais de acordo com as relações sociais actuais. Nesse sentido, parece-nos menos fixa, menos tradicional e

mais exacta a opinião de Mário Vilela [1995], quando afirma que esta forma de tratamento se pode situar num nível de distanciamento em relação ao interlocutor que fica entre o *tu* e o *senhor*.

3. Conclusão

Como professores de português para alunos de língua materna espanhola, galega e catalã, deparamo-nos com o problema de explicar o papel de *você*, já que nas outras línguas o mesmo está claro. A instabilidade que ainda se regista no uso desta forma de tratamento está bem patente nas definições a nível bibliográfico e na falta de sistematicidade e coerência detectáveis no material didáctico disponível no mercado. Esta é, sem dúvida, uma questão pouco trabalhada e a ter presente na elaboração de material específico para alunos de P/LE em geral e, num âmbito mais restrito, para estudantes espanhóis e da América Latina.

Bibliografia

- ÁLVAREZ, ROSARIO; REGUEIRA, X. L.; MONTEAGUDO, H. *Gramática galega*. Vigo: Galaxia, 1995, 6ª ed.
- Catálogos Prénatal 2000*.
- CINTRA, LINDLEY; Cunha, Celso. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa, 1986.
- COROMINAS, JOAN. *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 3ª ed. 1973. 4ª reimpresión, 1987.
- COROMINAS, JOAN. *Diccionari etimològic i complementari de la llengua catalana*. Barcelona: Curial Edicions Catalanes/Caixa de Pensions "La Caixa", 1995, 3ª ed.
- CUESTA, PILAR VÁZQUEZ; Mendes da Luz, Maria Albertina. *Gramática portuguesa*. Madrid: Gredos, 1971 3ª ed. 1ª reimpresión, 1987.
- Diccionario de la Real Academia Española*. Madrid: Espasa Calpe, 1992, 21ª ed.
- Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto, 1998, 8ª ed.
- Dicionário Prático Ilustrado*. Porto: Lello & Irmãos, 1992.
- Dicionário Universal da Língua Portuguesa*. Lisboa: Texto, 1997, 2ª ed.
- FERREIRO, MANUEL. *Gramática histórica galega*. Santiago de Compostela: Laiovento, 1995.

- FIGUEIREDO, CÂNDIDO DE. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Venda Nova: Bertrand, 1996, 25ª ed.
- GOEBL, HANS *et al* (ed.). *Kontaktlinguistik, Contact Linguistics, Linguistique de contact*. Vol. 2, Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1997.
- IORDAN Y MANOLIU, *Manual de Lingüística románica*. Madrid: Gredos, 1972 1ª ed., 2ª reimpresión, 1989.
- LAPA, M. RODRIGUES. *Estilística da Língua Portuguesa*. Coimbra: Coimbra, 1984. 11ª ed.
- TEYSSIER, PAUL. *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1994. 6ª ed.
- VILELA, MÁRIO. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 1995.